

E' isto o que tenho pregado, e o que expus há muitos anos, numa série de estudos sobre a educação cívica, mostrando como os alunos de uma escola se podem organizar sob a forma de democracia, elegendo os seus magistrados, desde o presidente da República até aos vereadores e aos juizes, e habituando-se assim a proceder republicaneamente. Seria isto, senhores, a democratização da mocidade, não por *palavras*, mas por *actos*.

Democratizar a escola é, além disso, desvanecer o mais possível a velha distinção das classes *liberais* e das classes *mecânicas*, obrigando os futuros cidadãos, a qualquer classe que eles pertençam, ao trabalho manual na escola; dando character e base científica e portanto *liberal*, aos trabalhos mecânicos; colocando nas mesmas escolas, em comunidade de trabalho, os filhos do povo e os da burguesia; e organizando os grupos de alunos em corporações profissionais.

Democratizar a escola é ainda dificultar o acesso das altas carreiras universitárias aos filhos dos ricos que não tem capacidade para os mais difíceis trabalhos de sciência e da literatura; e, *pelo contrário*, facilitar esse acesso aos filhos dos pobres que nasceram com talento.

Neste sentido estou procedendo, e continuarei a proceder, se as circunstâncias me permitirem demorar-me no ministério. Para isso apresentarei, à medida que for oportuno, projectos de lei que me permitam:

1.º Remodelar a escola primária no sentido de a ligar o mais possível com o trabalho profissional da região e com as necessidades do nosso povo;

2.º Instituir a educação cívica pela Republica Escolar e pela organização corporativa dos grupos de estudantes;

3.º Desenvolver e aperfeiçoar o ensino primário superior, tirando-lhe o carácter doutoral, e dando-lhe um carácter de um treino prático para as necessidades da vida do trabalho e da cultura cívica democrática, — de maneira que, a par de uma cultura geral suficiente, prepare para os cargos médios das profissões, como sejam chefes de officina, empregados de escritório, caixes viajantes, regentes agrícolas, etc.;

4.º Aumentar as propinas das Universidades, de maneira a dificultar o seu acesso aos pouco aptos para a alta cultura, obtendo dinheiro, ao mesmo tempo, para as bolsas de estudo aos filhos dos pobres que tenham talentos para as altas funções intellectuais.

Vim trazer-vos aqui ideas claras e concretas, e não eloquência; não sou orador; e é necessária a divisão do trabalho, e que uns analisem os problemas, enquanto os outros entusiasmam as almas: o espirito mais nobre, mais vasto, entre os democratas da nossa terra, Antero de Quental, escreveu o seguinte: «o entusiasmo é bom, porque eleva o espirito; mas a critica é melhor ainda, porque o esclarece». Esclareçamos os problemas, para que tenhamos, o mais breve possível, pedagogia republicana nas escolas portuguesas.»

Pedimos aos nossos leitores que comparem estas afirmações tão elevadas e justas, com o baixo pa-

lavriado de quasi todos os oradores que nessa sessão falaram e cujas insolências *O Rebate* deu na íntegra, sem a lealdade de fazer um breve resumo que fôsse do admirável discurso de António Sérgio!

Ainda há, infelizmente, dentro da República, uma insondável diferença de mentalidades e de processos. Mais uma razão para continuarmos pacientemente a nossa tarefa educativa.

*

E'-nos impossivel, hoje, publicar uma exposição dos valiosísimos trabalhos efectuados, e a realizar, pelo Ministério da Guerra.

Esperamos inseri-la já no próximo número.

■ ■ ■ ■ ■

A «SEARA NOVA»

E «A BATALHA»

Vivemos em combate com as oligarquias económicas e financeiras e nunca ocultamos as nossas simpatias pelas justas aspirações do operariado, em artigos, discursos e conferências populares. Julgamo-nos, porisso, com direito a ser respeitados pelos trabalhadores — visto que trabalhadores somos também. No órgão da C. G. T. dá-se, todavia, constantemente, uma lamentável intermitência de juizes, que vai além duma justa critica a ideas e actos, em relação aos homens da *Seara Nova*. Ao falarmos sobre a pena de morte, fomos saudadados como tendo realizado, na sede da C. G. T., *uma sessão formidável*. Pouco antes e depois, e justamente no dia em que Camara Reys iria à sede da C. G. T. aceitar a controvérsia sobre o ensino das E. P. Superiores, publicou *A Batalha*, na 1.ª página e a tres ou quatro colunas, além de dois ecos agressivos, um violento ataque a António Sérgio e, indirectamente à *Seara Nova*. Ao lê-las, Camara Reys escreveu e enviou a seguinte carta:

«26/1/24.

Ex.^{mo} Senhor Secretário da C. G. T.

No momento em que me dispunha a ir á sede da vossa Confederação aceitar uma controvérsia sobre o ensino das E. P. S., vejo, com espanto, os ataques violentíssimos da *Batalha* de hoje a um camarada da *Seara Nova*, António Sérgio.

Seria desprimoroso para êle eu ir hoje aí. Lamento que assim seja tratado um tão nobre espirito e, indirectamente, um homem obscuro e sincero como eu. Queira V. Ex.^a desculpar-me junto da assembleia, lendo esta carta.

De V. Ex.^a At.^o e Venr.

Camara Reys

Desejaríamos que se definisse claramente, na *Batalha*, a maior ou menor consideração que merecem as nossas ideas e a nossa sinceridade, porque aceitamos, com agradecimento e simpatia, as criticas que sejam correctas, mas nos declaramos incompatíveis com comentários, porventura impen-sadamente excessivos, colidindo com o aprumo moral de que nos orgulhamos.